

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Campus Experimental de Ourinhos

FELIPE EZEQUIEL JACOB

**FLUXOS MIGRATÓRIOS NO FUTEBOL: UMA
ANÁLISE GEOGRÁFICA DA COPA DO
MUNDO DA FIFA 2018**

OURINHOS/2019

FELIPE EZEQUIEL JACOB

**FLUXOS MIGRATÓRIOS NO FUTEBOL: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA
COPA DO MUNDO DA FIFA 2018**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à banca examinadora
do Campus de Ourinhos, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho”/UNESP, para
obtenção do título de Bacharel em
Geografia

Orientadora: Profa. Dra. Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena

Ourinhos, maio de 2019

J15f Jacob, Felipe Ezequiel
Fluxos migratórios no futebol: Uma análise
Geográfica da Copa do Mundo da FIFA 2018 / Felipe
Ezequiel Jacob. -- , 2019
54 f. : tabs., fotos, mapas + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (-) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade
de Ciências Farmacêuticas, Araraquara,
Orientadora: Carla Cristina Reinaldo Gimenes de
Sena

1. Fluxos migratórios. 2. Futebol. 3. Copa do
Mundo. 4. Geopolítica. 5. Colonialismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena
(Orientadora)

Profº Drº Amir El Hakim de Paula

Msc. Guilherme Silva Pires de Freitas

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me criou sozinha e sempre foi minha base. O que sou hoje é resultado do amor, carinho e apoio que dela recebi durante meus 26 anos de vida, e que tento retribuir. Te amo, Dona Cida.

Aos amigos que fiz na faculdade, pelos bons momentos em que passamos juntos, as conversas, os trabalhos de campo, as festas, e também os perrengues, que jamais esquecerei e levarei para vida toda.

À professora Carla, que me acompanhou desde 2014 no PIBID e que me inspirou e encorajou a estudar esse tema, e a quem devo muito por todos os anos que com o apoio dela pude contar.

À Atlético Ramon Valdez, entidade que amo e fez parte de toda minha trajetória na Unesp Ourinhos e que sem a qual minha formação estaria incompleta.

Ao futebol, esporte que amo e que passei a amar ainda mais quando comecei a encaixá-lo na Geografia, onde tem sim muito espaço e que possui um enorme poder de transformação social.

E finalmente à universidade pública, gratuita e de qualidade, que tanto carece do nosso apoio e mobilização pelo reconhecimento de sua fundamental importância e seu potencial de mudar uma sociedade.

RESUMO

Este trabalho visa analisar o impacto dos fluxos migratórios no futebol, sobretudo em relação à ligação colonial entre países europeus, africanos e sul-americanos. O objeto de estudo é a Copa do Mundo da FIFA de 2018, realizada na Rússia, que teve um grande número de jogadores naturalizados, além de descendentes, onde a influência do passado ainda se faz presente, referente à dominação dos países ricos sobre os mais pobres.

Palavras-chave: futebol;migração;naturalizados;copa do mundo;geopolítica

ABSTRACT

This paper aims to analyze the impact of migratory flows in football, especially in relation to the colonial connection between European, African and South American countries. The object of study is the 2018 FIFA World Cup, held in Russia, which had a large number of naturalized players, as well as descendants, where the influence of the past is still present, concerning the domination of rich countries over the poor.

Keywords: football;migration;naturalized;world cup;geopolitics;

LISTA DE ABREVIACÕES

CAF: Confederação Africana de Futebol

COI: Comitê Olímpico Internacional

CONCACAF: Confederação de Futebol da América do Norte, Central e do Caribe

CONIFA: Confederação de Futebol de Associações Independentes

FFF: Federação Francesa de Futebol

FIFA: Federação Internacional de Futebol

FRELIMO: Frente de Libertação de Moçambique

ONU: Organização das Nações Unidas

UEFA: União das Federações Europeias de Futebol

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Grupos da Copa do Mundo de 2018.....	30
Tabela 2 – Jogadores nascidos em outros países que atuaram pelas respectivas seleções.....	32
Tabela 3 – Jogadores nascidos nos respectivos países que jogaram como naturalizados em outras seleções.....	33
Tabela 4 – Todos os jogadores naturalizados que participaram da Copa do Mundo de 2018.....	33
Tabela 5 – Evolução do número de jogadores multiculturais das últimas Copas do Mundo.....	36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da dominação colonial portuguesa.....	16
Figura 2- Origem geográfica das principais populações migrantes para Portugal (2008).....	16
Figura 3- Principais destinos de jogadores africanos.....	24
Figura 4- Meninos jogam bola na rua na Costa do Marfim.....	27
Figura 5- Territórios ultramarinos da França.....	29
Figura 6- Mapa mundi com os países classificados para a Copa de 2018.....	31
Figura 7- Ataque à sede da Federação Francesa.....	39
Figura 8- Comemoração de Le Pen pelo Twitter.....	40
Figura 9- Mbappé é idolatrado na França.....	40
Figura 10- Jogadores comemoram os gols da vitória da Suíça em cima da Sérvia.....	42
Figura 11- Rotas de refugiados em direção à Europa.....	45
Figura 12- Refugees Welcome.....	47
Figura 13- Torcida do Hellas Verona.....	48

Figura 14- Seleção Malaika, campeã da Copa dos Refugiados em 2018.....	49
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Objetivos.....	11
2. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	13
2.1 Migração.....	13
2.2 Relação entre futebol e colonialismo.....	15
2.3 Lei Bosman.....	17
2.4 Histórico de atletas multiculturais.....	19
2.5 Territórios ultramarinos da França.....	27
3. COPA DO MUNDO DA RÚSSIA 2018.....	30
3.1. Quando o racismo e a xenofobia chegam ao futebol: o caso da campeã da copa de 2018.....	38
4. FUTEBOL E GEOPOLÍTICA.....	42
4.1. Ações de clubes para refugiados.....	44
4.2. Copa dos Refugiados.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

Várias práticas antigas existentes em todo o mundo podem ter originado o futebol. Algumas delas surgem, em seus primeiros indícios, na China. Por volta de 2.500 a. C. sob o comando do imperador Cheng-Ti, soldados disputavam a posse da bola, feita de couro e recheada de crina de cavalo, com as mãos e os pés (CANETTIERI, 2010). O costume perdurou a cada dinastia, variando a forma de disputa. Há cerca de cinco mil anos, tentavam acercar a meta que ficava no centro do campo, sem que a bola tocasse o chão (GALEANO, 1995, p. 29). Japoneses e egípcios praticavam também atividades similares. Maquiavel, Julio Cesar, Nero e até os papas Clemente XII, Leão IX e Urbano VIII também apresentavam seu futebol. (Idem, p. 32) A América Central assistiu ao surgimento de práticas parecidas, como destaca Galeano (1995):

No México e na América Central, a bola de borracha era o sol de uma cerimônia sagrada desde uns mil e quinhentos anos antes de Cristo; mas não se sabe desde quando se joga futebol em muitos lugares na América. Segundo os índios da selva amazônica da Bolívia, tem origens remotas a tradição que os leva a correr atrás de uma bola de borracha maciça, para metê-la entre dois paus sem fazer uso das mãos. No início XVIII, um sacerdote espanhol das missões jesuítas do Alto Paraná descreveu assim um costume antigo dos guaranis: 'Não lançam a bola com a mão, como nós, mas com a parte superior do pé descalço'. Entre os índios do México e da América Central, a bola era golpeada geralmente com o quadril ou com o antebraço, embora as pinturas de Teotihuacán e de Chichén-Itzá revelem que em certos jogos se chutava a bola com o pé e com o joelho (p.32).

Há sinais também da prática do esporte, com o uso exclusivo dos pés, pelos indígenas Guarani, onde hoje é o Paraguai. Já o futebol moderno, tal como conhecemos e a teoria mais amplamente aceita do seu surgimento, vem da Inglaterra. Há registros desde o século XII, entre períodos que em que foi difundido e banido por ser violento.

Mas por volta do final do século XIX, o futebol ganha força e passa a ser praticado no restante da Europa, até chegar ao Brasil, com Charles Miller. Desde então, evoluiu tecnicamente e hoje é o esporte mais popular do planeta, mas além do esporte, é instrumento de sociabilidade e construção de identidades.

Ao chegar no Brasil, o futebol era um esporte praticado principalmente pela elite. Era sinal de *status* ir ao estádio, até meados dos anos 1930, quando o futebol ainda não

era profissional, assistir aos jogos na tribuna, em contraste com a geral, onde ficava parte da população mais pobre que conseguia entrar (FILHO, 1947 p.). Estes, entram gradativamente no futebol, e entre eles os negros, que quando jogavam sofriam boicotes ou tinham que alisar o cabelo ou usar pó de arroz para disfarçar sua cor. É o caso de Arthur Friedenreich (1892-1969), filho de uma brasileira negra e um alemão, o primeiro grande craque do futebol brasileiro, e Carlos Alberto, que jogou por Bangu e Fluminense, respectivamente¹.

O futebol então passou a fazer parte da cultura e identidade do brasileiro, já que está presente no nosso cotidiano desde o esporte em si, até se incorporando às músicas, cinema e até ao nosso vocabulário. Ele segue lógicas econômicas e geográficas, é distribuído pelo território nacional apresentando considerável desigualdade regional, uma vez que os clubes do centro-sul são mais dotados de recursos e consequentemente conquistas, sendo reflexo da realidade social brasileira.

Diversos conceitos geográficos cabem numa discussão sobre futebol. Espaço e território são alguns deles, uma vez que o esporte transforma, dá sentido ou constrói, por meio das torcidas, por exemplo, frequentemente chamadas de nações. Essa possibilidade compreende desde as questões da Geografia humana, até a física como a altitude, pois há uma diferença clara em disputas realizadas em La Paz, na Bolívia, a 3.637 metros no estádio Hernando Siles, e em Santos, litoral paulista, comum na Copa Libertadores. Há ainda uma ampla gama de temas que podem ser incluídos nessa lista, inclusive na sala de aula, mas não é o foco deste trabalho.

Futebol e espaço estão relacionados. Para Santos (1978),

O espaço pode ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 1978, p. 153).

¹ Para maior entendimento desse período do futebol brasileiro: O Negro no futebol brasileiro, Mário Filho, 1947.

As formas e funções estão presentes em uma partida, uma vez que dois times se enfrentam em um campo de jogo, o próprio estádio é uma forma, assim como as traves. Os torcedores e jogadores dão função à elas.

É também possível a analogia inclusive com guerras e conflitos internacionais: a bola é o objeto de disputa, os atletas visam atacar o campo do adversário, que por sua vez irá se defender e tentar impedir que cheguem à sua meta, a forma. Em uma Copa do Mundo, essa realidade é ainda mais marcante. Ela é o ponto máximo da formação, ou o reforço da identidade nacional. Durante sua realização, se vê com maior evidência bandeiras, camisas e cânticos de cunho nacionalista, até mesmo em países que chegam à competição com menor favoritismo. É a nação representada em campo, podendo ser o único motivo de orgulho de uma, que por sua vez, pode ser ou não reconhecida como tal.

Para Campos (2006), é a Geografia Cultural que permite a discussão sobre o futebol, por ser um elemento sociocultural e espacial do brasileiro (p. 3). O autor ainda coloca que a partir da década de 1980 houve uma nova abordagem cultural na geografia, onde:

A cultura passa a ser definida como “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (CLAVAL, 2001^a, p. 63). Desta maneira, a cultura deixa de ser apreendida como algo já dado e estanque, mas agora como algo dinâmico e de caráter simbólico. Desta forma, temáticas até então negligenciadas pela ciência geográfica, como o futebol, passam a ser incorporadas (MASCARENHAS, 1999). No caso específico deste, apesar das novas possibilidades epistemológicas, ele ainda não recebe a atenção necessária da ciência geográfica. Há pouquíssimos trabalhos que abordam esta temática sob o olhar geográfico. (CAMPOS, 2006, p. 4).

Como diz o autor, há muito o que ser explorado pela ciência geográfica dentro do futebol, que fica claro ao destacar que:

[...] as possibilidades teóricas e metodológicas não se esgotam neste conceito. Há um caminho muito longo a ser traçado, pois o futebol é um tema complexo, repleto de variáveis, nuances, peculiaridades locais, regionais e nacionais, que merecem ser estudadas com maior atenção e afinco pela ciência geográfica. (CAMPOS, 2006, p. 13).

Ao longo da história, milhões de pessoas migraram por todo o planeta, deixando suas nações e se integrando às outras, transformando e miscigenando países, os deixando

mais diversos e multiculturais. Essa integração nem sempre acontece de forma natural, uma vez que determinados povos podem ser considerados uma “ameaça” ou mesmo inferiores no local de chegada. Isso também ocorre no futebol, onde diferentes estilos e filosofias de jogo se misturam e deixam o esporte cada vez mais competitivo e atraente aos espectadores.

É nesse sentido – e em seus desdobramentos – que futebol e Geografia possuem uma relação muito próxima, porém sem a devida atenção da academia. Sobretudo no Brasil, onde esse pertencimento é ainda mais evidente, a ponto de nos auto intitularmos o “país do futebol”, berço dos jogadores mais talentosos e dotados de um estilo único dentro de campo.

Nas palavras de Campos;

É fundamental que a Geografia dê mais atenção para o futebol, pois este é um importante elemento da sociedade brasileira, tanto sob sua dimensão esportiva quanto cultural, social, identitária, e até mesmo espacial. O futebol faz parte do cotidiano dos brasileiros, que manifestam através dele sua cultura e sua visão do espaço. Ele constrói territorialidades próprias, apropriando-se de elementos simbólicos. Ele transcende, assim, sua qualidade esportiva, passando ser um fator essencial para a compreensão da construção espacial e social brasileira e até mesmo mundial. (CAMPOS, 2006 p. 4)

Hoje em dia, com o futebol cada vez mais globalizado e mercantilizado, jogadores circulam pelo mundo como moedas. Os clubes e federações, cada temporada, mais ricos, recrutam esses jogadores com cifras que crescem vertiginosamente, contribuindo para o já intenso fluxo migratório de seres humanos. Porém, esse movimento segue lógicas que não são inéditas no contexto econômico global.

1.1 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é analisar as possíveis relações entre a histórica dominação colonial dos países europeus sobre africanos e sul-americanos, sobretudo. Utilizando a Copa do Mundo da FIFA de 2018 como estudo de caso, realizada na Rússia, onde tivemos a presença de muitos jogadores naturalizados, dupla nacionalidade ou descendentes de outros países.

Objetivos Específicos

Contextualizar como a dominação colonial influenciou os movimentos migratórios de jogadores de futebol, principalmente da América do Sul e África.

Caracterizar as seleções da Copa do Mundo de 2018 identificando e analisando a origem de seus jogadores.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 Migração

Ao longo da história da humanidade, a migração esteve presente desde tempos antes do *homo sapiens*, quando os indivíduos migravam em busca de alimentos, motivados por mudanças climáticas, entre outras razões.

De acordo com Sasaki e Assis (2000) a migração não era uma questão relevante para os estudos sociológicos da virada do século XIX para XX (p.2). Era analisada como resultado do processo de desenvolvimento do capitalismo, sob a ótica de Richmond (1988). A partir daí, alguns clássicos irão tratar a migração em diferentes visões. Malthus acreditava que ela era consequência inevitável do crescimento populacional, onde as pessoas migrariam na tentativa de fugir da pobreza (Sasaki e Assis, 2000, p. 2). Em contraponto a Malthus, Marx discordava do ponto em que a pobreza seria inevitável ou natural. De forma menos definida, Marx tratava a migração como consequência da industrialização e do capitalismo, culpando os empreendedores capitalistas que abaixavam os salários na intenção de aumentar os lucros (Idem, p. 3).

Golgher (2004) traz uma definição sucinta. De acordo com ele, a migração pode ser definida, grosso modo, como “uma mudança permanente de local de residência. Um indivíduo que morava em um local passa a morar em outro distinto. Parece fácil a primeira vista, mas na verdade não é” (p. 7). O autor vai discutir até que ponto, ou a partir de quando alguém pode ser considerado migrante. Se alguém mora na fronteira entre dois países, por exemplo, e se desloca poucos metros e passa a residir para além do limite territorial do país anterior, pode ser considerado imigrante?

Dentro desse conceito, temos os migrantes, imigrantes e emigrantes. O migrante é o indivíduo nativo de um município, que passa a morar em outro distinto. Essa pessoa que sai é emigrante em seu local de origem. Já em relação ao local de destino, ele passa a ser imigrante (Idem, p. 7-8). Além disso, devemos destacar os migrantes internos e internacionais. Quando o movimento se dá dentro de um mesmo país, nos referimos à migração interna. Se ultrapassa a fronteira de um país, passa a ser internacional (ibidem, p. 8).

No decorrer da história, as razões para esses movimentos cresceram, como catástrofes naturais, conquistas de territórios, perseguição política, e finalmente a busca de melhores condições econômicas e sociais, como oportunidade de trabalho ou estudos, enfim, ascensão social.

É aí que entra a questão mais relacionada à análise proposta: populações antes (ou até hoje) oprimidas na periferia global buscam melhores condições de vida, muitas vezes no centro.

Cabe destacar também a migração involuntária, a qual as colônias eram submetidas, principalmente da África, para o trabalho forçado na América. A população brasileira, por exemplo, é formada por negros, em boa parte descendentes de africanos trazidos à força para serem escravizados, brancos, que mais tarde imigraram voluntariamente para o trabalho assalariado, indígenas, em boa parte de sua população dizimada e que também fora escravizada e negado o seu direito à participação do desenvolvimento do país até os dias de hoje.

Os fluxos migratórios são consequência directa da globalização. A criação de um mercado mundial baseado na livre concorrência e na competitividade dá origem a deslocamentos dos factores de produção para as regiões de maior competitividade. Durante a colonização do mundo pelos europeus, o capital e o trabalho deslocaram-se para os territórios coloniais. A emigração europeia para a América e o resto do mundo foi uma resposta à necessidade de desenvolver as terras virgens e de aproveitar os recursos naturais dos territórios colonizados (ORTEGA, 2007, p. 2).

Todos os fatores se encontram na globalização, onde as fronteiras são superadas e a internacionalização de atletas atinge um nível tão alto que clubes europeus, que tem dinheiro para contratar, possuem jogadores de todos os cantos do planeta e viram verdadeiras seleções, sendo superiores tecnicamente a muitas delas. Na Copa de 2018, apenas a Inglaterra disputou com todos os jogadores atuantes na sua liga nacional. Suécia e Senegal, disputaram o torneio com todos os jogadores ligados a clubes de outros países.

Em suma, migrar é uma necessidade. Num planeta com tamanha complexidade de culturas, esses fluxos merecem estudos à parte. Não cabe neste trabalho uma análise com tamanha profundidade, mas sim fornecer bases para a discussão sobre a relação entre os fluxos migratórios principalmente da África, mas também da América Latina e territórios ultramarinos, antes colonizados, para a Europa, colonizadora e

exploradora de mão de obra ontem e hoje. E hoje, na análise aqui apresentada, no esporte mais popular, mas também o mais globalizado do mundo.

Cabe o destaque para os refugiados, diante da crise migratória da qual a Europa passou nos últimos anos e que será discutida mais adiante.

2.2 Relação entre futebol e colonialismo

Durante o período entre os séculos XIV e XX, a Europa buscou expandir seu território além-mar, chegando a continentes nunca antes visitados. Nesse momento, houve o início da colonização desses locais, com base na exploração de mão de obra escrava, extração de minérios e coleta de especiarias.

Portugal e Espanha foram os pioneiros das grandes navegações, dominando partes da América do Sul e Caribe. Mais tarde, Grã-Bretanha, França e Países Baixos chegaram a essas regiões reforçando o domínio europeu. O próximo continente a ser explorado por esses impérios foi a Ásia.

No final do século XIX o continente africano foi repartido entre as potências europeias, no que ficou conhecido como Conferência de Berlim. Na ocasião, os países do norte ignoraram os territórios construídos por tribos e etnias e dividiram unindo rivais ou separando povos que eram unidos, unicamente pela necessidade de explorar matéria prima e mão de obra barata já que a Europa passava por um momento de desenvolvimento industrial tecnológico. Ou seja, desde então e até antes, a Europa vai buscar recursos nos continentes economicamente periféricos. Os países europeus, desta forma, dominando territórios sobretudo nos continentes americano e africano, receberam imigrantes desde que se tornaram potências econômicas. Não só de suas ex-colônias, aliás, os primeiros imigrantes vieram de outros países europeus, mais pobres. De acordo com FREITAS (2017, p. 65) em alguns países como a França, as primeiras grandes ondas migratórias tiveram início em meados do século XIX, quando trabalhadores da Bélgica, Itália e Polônia (apud COELHO, 2010, p.38-40) buscaram oportunidades no país. A figura 1 mostra o domínio colonial de Portugal. A figura 2, traz em números a população migrante para o mesmo país.

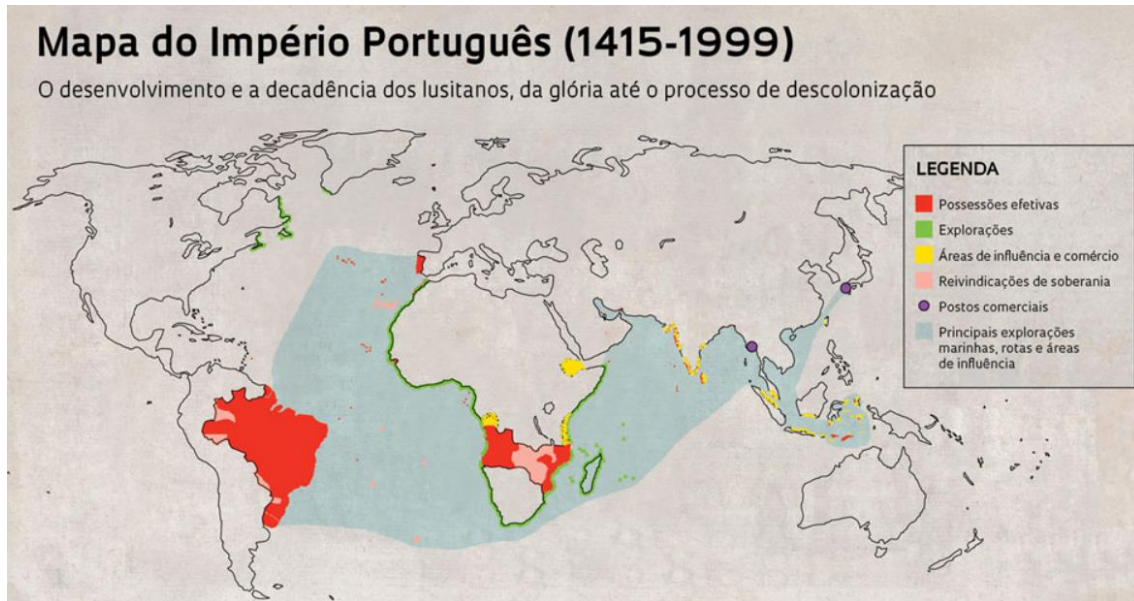


Figura 1 Mapa da dominação colonial portuguesa. Fonte: Projeto Dimensões do Império Português, sob coordenação da Profª Drª Laura de Mello e Souza, USP., 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2012/11/12/um-imenso-portugal/#> Acesso em: 29/05/2019.

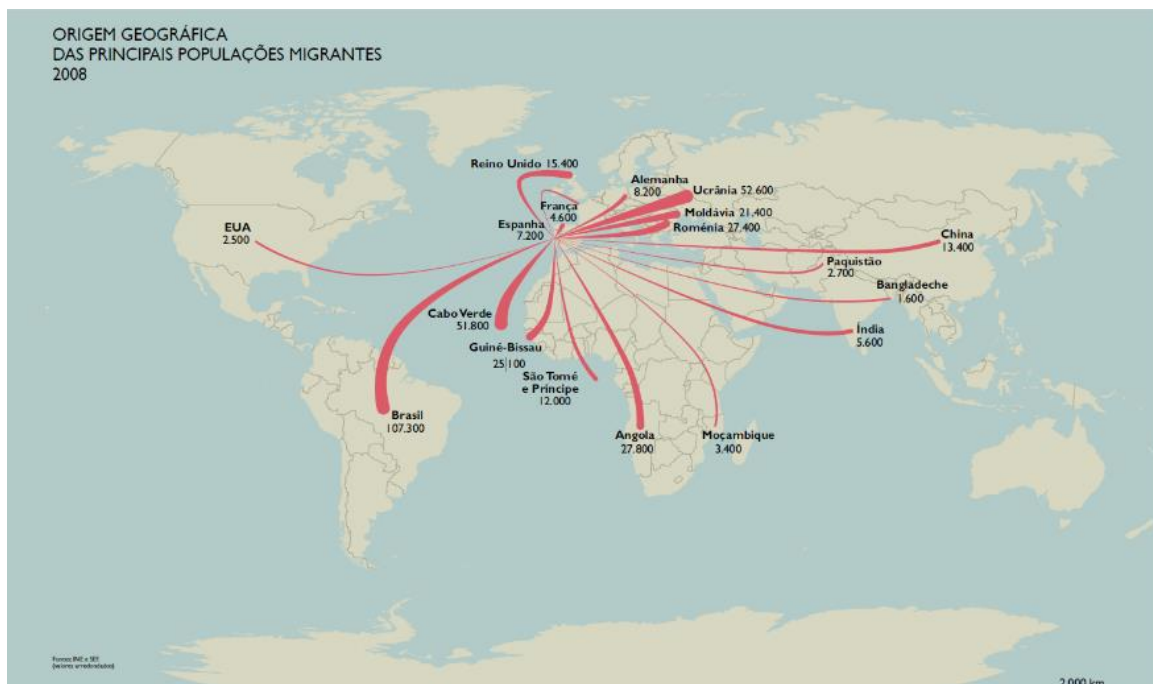


Figura 2 - Origem geográfica das principais populações migrantes para Portugal (2008). Fonte: Portugal: Atlas das migrações internacionais, 2010.

Mais tarde, já como independentes, é que os habitantes das ex-colônias rumaram às antigas metrópoles em busca de melhores condições de vida (Figura 2).

No período das colônias, os países europeus mantinham territórios em continentes hoje economicamente periféricos, em busca de suas riquezas naturais e mão de obra

escrava. Essa lógica não foge muito do futebol: ainda no final desse período, países como Portugal, majoritariamente, e com menor frequência a França, mantinham filiais de seus clubes na África para estabelecer uma relação de dependência também no esporte.

De acordo com Melo (2018), era muito comum os atletas africanos, principalmente de países hoje ex-colônias de Portugal, como Moçambique, Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde, serem revelados pelos seus colonizadores a partir das sucursais de Benfica, Sporting e Porto. Os clubes mantinham até mesmo os nomes originais e tinham sedes em diversas cidades desses países. Além disso, havia também a transmissão por rádio das partidas dos times portugueses e excursões dos mesmos, como demonstração do papel que a imprensa tinha de “alargar” o território português (p. 167).

O resultado disso foi não só o recrutamento de jogadores talentosos para atuarem na metrópole, mas também a promoção desses clubes, que desta forma, obtiveram também torcedores, impedindo a valorização e desenvolvimento dos clubes locais. A popularização do futebol português em Moçambique chegou a ponto de apenas 15% de sua população se identificar com os clubes locais (BBC, 1996 apud DARBY, 2006, p. 426).

O futebol foi introduzido em Moçambique pelas escolas dos missionários católicos, sendo subsequentemente estruturado de modo a reflectir e a reforçar um controlo colonial mais amplo e a elevar a cultura portuguesa em detrimento das tradições indígenas. Por exemplo, a liga de futebol nacional foi baseada na estrutura administrativa da colônia, com o estabelecimento de equipas nas capitais das dez regiões que os portugueses delimitaram para facilitar a administração colonial do território (DARBY, 2006, p. 426).

O futebol é, dessa forma, um dos instrumentos de domínio colonial. Ao utilizá-lo dessa forma, as colônias, guardadas as devidas proporções, são as primeiras a por em prática algo comum em alguns governos autoritários pelo mundo todo: através do futebol, manipular ou promover propaganda política aproveitando a paixão da população, onde muitas vezes associam ao pão e circo.

2.3 Lei Bosman

Jean-Marc Bosman foi um jogador belga, que atuava pelo RFC de Liège no ano de 1990. Seu contrato estava próximo de acabar, quando o clube ofereceu uma

renovação, mas o atleta recusou alegando ser um valor muito baixo. O clube então cortou seu salário em 60% e o colocou para transferência. O Dunkerque, clube da segunda divisão francesa, teve interesse em contratá-lo por empréstimo, porém o RFC exigia o pagamento de aproximadamente 650.000 euros ao final do contrato, o que inviabilizou o negócio.

Bosman então entrou na justiça contra o seu clube. O Tribunal lhe deu a razão e pôde rescindir o contrato e jogar pelo Saint-Quentin, da quarta divisão da França. Mas o RFC recorreu da decisão, o que impediu seu ex-atleta de atuar, o obrigando a jogar por pequenas equipes na França sem direito a qualquer remuneração, de 1990 a 1994. Em 1995, o Supremo Tribunal da Bélgica decidiu a favor de Bosman contra os recursos do RFC de Liège, Federação Belga e UEFA, o que fez com que aquecesse a discussão sobre a legalidade do limite de circulação de atletas dentro da União Europeia.

Desta forma, a Federação Italiana passou a liberar todas as transferências de jogadores da União Europeia, sem qualquer restrição. FIFA e UEFA enfim cedem e anunciam, em 1996, a abolição das restrições, logo em seguida as Ligas da Inglaterra e Espanha aderem às novas orientações, e o “Caso Bosman” se torna Lei e se torna vigente em todo o bloco.

A partir daí, qualquer atleta que estiver a seis meses do fim de seu contrato pode assinar um pré contrato com qualquer clube, as federações não podem limitar o número de estrangeiros sem seus times e os jogadores não podem mais estar vinculados aos clubes mesmo sem contrato vigente.

A Lei Bosman impactou o futebol europeu de forma que as equipes mais ricas passaram a dominar ainda mais o cenário. Hoje em dia, grandes times possuem atletas de várias nacionalidades diferentes, inclusive com poucos nascidos no próprio país da agremiação. Um bom exemplo é o caso da Inter de Milão, campeã da Champions League de 2009, que tinha apenas um italiano no elenco, o zagueiro Materazzi.

Os clubes europeus compram a preço baixo jogadores africanos de 18, 19 ou 20 anos, para obter lucro na revenda”, assinala Benoît You. Aliás, muitas vezes eles se recusam a pagar as indenizações de formação para os clubes de origem, como mostra o infortúnio do Aigles Verts de Kinshasa (República Democrática do Congo), que não conseguiu obter

do clube belga Anderlecht o custo de formação do jogador Junior Kabananga. “Se a dominação colonial não pode ser responsabilizada por todos os males, é difícil ignorar seu impacto nos termos de troca”, diz Jérôme Champagne, ex-diretor de relações internacionais da Fifa de 2007 a 2010. “Como os minerais e o petróleo, os jogadores de futebol são extraídos de seus países de origem, explorados e valorizados pelos países ricos, especialmente os europeus. (Le Monde Diplomatique, 2018. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-miseria-do-futebol-africano/>. Acesso em: 20/05/2019).

A Lei Bosman inspirou a criação de uma lei brasileira, o Decreto-Lei nº 9.615/1998, mais conhecida como Lei Pelé. Ela acabou com o passe dos clubes, pois até então eles é que tinham a posse do jogador o impedindo de se transferir. Desde então emigração dos jogadores brasileiros cresceu de forma considerável a ponto de em 2007 a nação com mais jogadores que disputaram a *Champions League* era Brasil (SILVA et al, 2012, p. 460).

2.4 Histórico de atletas multiculturais

Ao longo da história do futebol, uma série de atletas imigrantes integraram clubes e até seleções dos países em que foram morar. Naturalizados, de dupla nacionalidade ou descendentes de estrangeiros consideramos aqui como multiculturais, e são parcela significativa do futebol mundial, os quais tiveram um aumento gradativo desde o início do século XX.

Os primeiros casos conhecidos são do futebol britânico, onde já nos anos de 1910 contou com a chegada de atletas egípcios. Os primeiros registros oficiais trazem o marroquino Larbi Ben Barek (1917-1992), no final dos anos 1930 (DARBY, 2006), e Raoul Diagne (1910-2002), natural da Guiana Francesa e com descendência senegalesa, em 1931 (MELO, 2018); Barek e Diagne passaram a atuar pela seleção da França, abrindo as portas para em seguida Portugal usar do mesmo artifício, trazendo atletas de origem africana, sendo o primeiro o lisboeta filho de pais angolanos Guilherme do Espírito Santo (1919-2012), que chegou para jogar pelo Benfica e defendeu a seleção portuguesa em 1937. Na primeira Copa do Mundo, 1930, os argelinos Ernest Liberatti (1906-1983) e Alexandre Villaplane (1905-1944) defenderam a seleção da França (FREITAS, 2017, p. 46). O primeiro oriundo da África

subsaariana foi o moçambicano Matateu (1927-2000), em 1951, que se consolidou sendo artilheiro da primeira divisão do campeonato português pelo clube Belenenses.

Em 1958 a França chegou à semifinal da Copa do Mundo liderada por Raimund Kopa (1931-2017) e Just Fontaine (1933-). O primeiro, descendente de poloneses e o segundo, nascido no Marrocos. Fontaine foi artilheiro da edição com 13 gols marcados, sendo até hoje o maior goleador de uma só edição na história das copas (FREITAS, 2017, p. 47).

Na década de 1960, Eusébio (1942-2014), considerado um dos maiores jogadores da história de Portugal, surgiu atuando pelo forte Benfica que ao lado de Mário Coluna (1945-2014), Joaquim Santana (1936-1989), José Águas (1930-2000), Costa Pereira (1929-1990), e Hilário (1939-) oriundos do mesmo país, fizeram do clube lisboeta um dos mais vitoriosos da Europa, ao vencer duas edições da Taça dos Campeões Europeus, a atual *Champions League*, nas temporadas de 1960-1961 e 1961-1962. Eusébio e Mário Coluna inclusive mais tarde, em 1966, ajudaram a seleção de Portugal e alcançar seu melhor resultado em Copas do Mundo, como terceiro colocado na edição realizada na Inglaterra.

A queda do domínio colonial entre os anos de 1960 e 1970 pouco influenciou no fluxo de jogadores na África para a Europa, salvo os provenientes do Moçambique e Zaire, atual República Democrática do Congo. Em 1975, quando da independência do primeiro, o partido FRELIMO de orientação marxista-leninista chegou ao poder e tomou medidas como substituir os nomes dos clubes então filiais dos gigantes portugueses, interromper as excursões desses clubes ao país, e principalmente a proibição da migração de jogadores moçambicanos à Europa com o intuito de jogar futebol (DARBY, 2006, p. 429). As medidas visavam recuperar a soberania moçambicana ao menos no futebol. O Zaire, sob governo de Mobutu (1965 a 1997) adotou medidas similares.

A CAF também adotou uma medida na tentativa de frear a perda de talentos para a Europa a partir de 1965, quando passou a proibir a convocação de mais do que dois jogadores que atuavam nos gramados europeus, por seleção. Porém, todas essas determinações não duraram por muito tempo, pois a última foi revogada em 1982, e a da FRELIMO foi mais além, deixando de vigorar em 1987.

Pela Inglaterra, Viv Anderson (1956-) passou a jogar na seleção em 1978. O atleta nascido em Nottingham tinha pais com origem na Jamaica, ex-colônia da última. Pela Alemanha, Erwin Kostedde (1946-), filho de uma alemã e um afro-americano foi o primeiro negro, em 1974.

Os anos de 1980 testemunharam o aumento gradativo de transferências de atletas. O destaque fica para a seleção da Holanda, que em 1988 chegou ao título da Euro com atletas descendentes do Suriname, sua ex-colônia: Ruud Gullit e Frank Rijkaard, que foram dois dos pilares da equipe. Aron Winter, Edgar Davids, Jimmy Floyd Hasselbaink e Clarence Seedorf, nascidos no Suriname, merecem destaque. Humphrey Mijns foi o primeiro surinamês a vestir a camisa da seleção holandesa, na década de 1960 (FREITAS, 2017, p. 49).

A partir de 1990 o mundo futebolístico assistiu ao que podemos tratar como o *boom* do número de atletas naturalizados e descendentes atuando em países que em sua maioria colonizaram o seu país de origem. Cerca de 350 africanos já jogavam na Europa, entre a primeira e segunda divisões dos campeonatos nacionais.

Nos anos 2000 houve o crescimento dessa lógica, a ponto de em 2004 a FIFA restringir a naturalização de jogadores, e a partir disso, seria permitido sob dupla cidadania, pai ou mãe biológicos e/ou avós nascidos no país em que se pretende jogar, ou pelo menos cinco anos de residência fixa no país, após completar 18 anos.

Vale o destaque para Éder, nascido na Guiné-Bissau, que foi o autor do gol mais importante da história da seleção de Portugal, na final da Euro 2016, trazendo o título inédito contra a também multicultural França na vitória por 1-0, já na prorrogação.

Há também o caso de jogadores que já defenderam duas seleções diferentes. Na equipe italiana campeã da Copa de 1934, haviam os brasileiros Amphilóquio Guarisi, o Filó, e os argentinos Monti e Atílio de Maria. A mesma seleção teve a presença de outros dois brasileiros nos anos de 1961 e 1962, Mazzola e Altafani. A Espanha de 1962 contou com a participação de Di Stéfano, oriundo da Argentina, e do húngaro Puskás. Desta forma, a FIFA passou a proibir os atletas de defenderem mais de uma seleção, salvo as nações que foram desagregadas, como a Iugoslávia (Silva et al, 2012, p. 549).

Os clubes europeus são também beneficiários dessa realidade que vem crescendo, principalmente dos anos 90, como supracitado, até os dias atuais, como destaca Darby:

O ritmo dessa tendência acelerou de modo expressivo em meados dos anos 1990, quando já havia aproximadamente 350 africanos defendendo equipes de primeira e segunda divisão de toda a Europa. A partir do ano 2000, esse número aumentou em mais de 100%. (DARBY, 2006, p. 419)

É como se o colonialismo de tempos não muito distantes persistisse até hoje, mas dentro do futebol. Até porque na questão econômica, essa relação de dominação e dependência não é muito questionada. Quando se refere ao futebol, as fronteiras das antigas metrópoles não seguem as do mapa político. Não basta a exploração de riquezas econômicas, as joias hoje expropriadas, são os talentos para jogar futebol.

Darby e Melo sintetizam dizendo o seguinte:

[...] esta estratégia pode ser comparada às práticas imperialistas e neoimperialistas de exploração econômica, no sentido em que envolve a localização, [prévio] refinamento e exportação de matérias-primas – neste caso, o talento futebolístico – destinadas ao consumo do mercado europeu. (DARBY, 2006 p. 427)

Ou seja, além de ter sugado quase todos os recursos naturais e matérias-primas baratas no passado (e ainda no presente), encontraram no futebol mais uma modalidade para exercer sua força neocolonial. (MELO, 2018, p. 175).

O assunto gerou debates inclusive na FIFA, UEFA, e CAF, ficando clara a posição da entidade máxima com a declaração do seu então presidente, Joseph Blatter:

“[...] pouco saudável, se não mesmo desprezível e que os capitalistas europeus se comportavam cada vez mais como neocolonialistas que nada se preocupam com as questões da história e da cultura, perpetrando uma violação social e econômica ao roubarem ao mundo em vias de desenvolvimento os seus melhores jogadores.” (BLATTER apud DARBY, 2006).

O então presidente da CAF, o camaronês Issa Hayatou (1946-), também se pronunciou:

“[...] a África se vê confrontada com o êxodo de músculos. Os países ricos importam matéria-prima (o talento) e enviam frequentemente para o continente os seus técnicos de menor valor. A desigualdade dos termos de troca é incontestável,

criando uma situação de dependência e prejudicando os clubes e os campeonatos nacionais.” (CAF apud DARBY, 2006).

Outra personalidade africana, Ydnekatchew Tessema (1921-1987), presidente da CAF entre 1972 e 1987, seguiu na mesma linha e completou com a seguinte declaração:

“O futebol africano tem de fazer sua escolha! Ou mantemos os nossos jogadores na África com vontade de alcançarmos um dia o topo das competições internacionais e de devolvermos ao povo africano uma dignidade pela qual anseia há muito tempo, ou permitimos que nossos melhores jogadores abandonem seus países, que assim continuarão a ser os eternos fornecedores de matéria-prima aos países ricos, e renunciemos desse modo a qualquer ambição. Quando os países ricos nos privam, também por via da naturalização, dos nossos melhores jogadores, não devemos esperar deles qualquer atitude de cavalheirismo no sentido de ajudarem o futebol africano.” (MAHJOUB apud DARBY, 2006).

A relação entre o passado colonial e o êxodo de talentos africanos para a Europa é uma questão a ser analisada. Mas o fato de falarem a mesma língua, é certamente um fator decisivo para que um jogador de um país periférico, chegue ao que o colonizou. Aliás, a língua é uma evidência da influência colonial, já que os colonizados passam, ao menos em boa parte de seu território, a falar a língua dos colonizadores. Portugal, por exemplo, acaba sendo a porta de entrada para a Europa, e de lá, esses jogadores podem alçar voos mais altos, chegando a um clube de ponta. Outro fator, e certamente o mais importante, é o financeiro. Comum a qualquer atleta de origem humilde, não só no futebol, o objetivo é sempre dar uma vida digna para si e sua família. É impossível comparar os ganhos financeiros de se atuar nos campos da periferia, e na elite do futebol mundial.

A seguir, o gráfico mostra os principais destinos de jogadores africanos logo após a independência de ex-colônias (Figura 3).

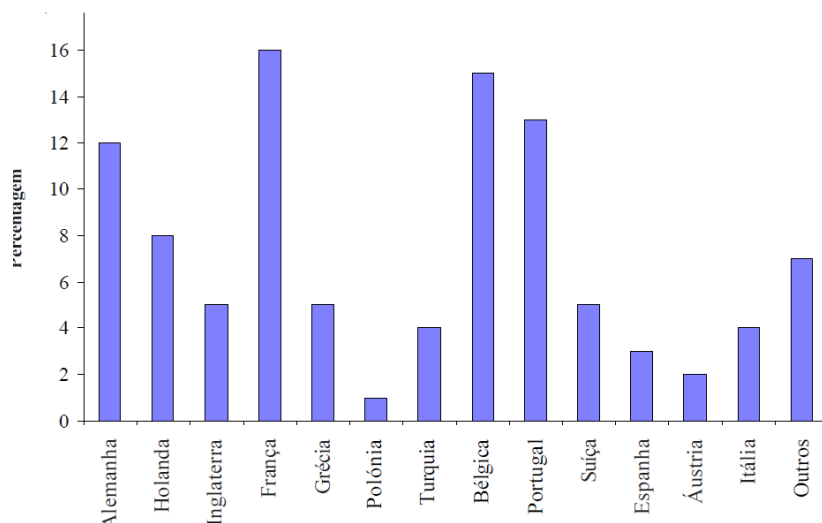


Figura 3 - Principais destinos de jogadores africanos. DARBY, 2006, p. 420. O gráfico mostra a influência das conexões coloniais nos fluxos migratórios mesmo após a independência de países africanos nos anos 1960 e 1970.

Até os dias atuais, são poucos os clubes do continente africano com infraestrutura ao menos comparável aos dos continentes sul-americano e principalmente europeu. O futebol sofre os impactos da questão financeira, instabilidade política, má administração, corrupção, fraco investimento estatal e interferência governamental (DARBY, 2006, p. 423).

Ou seja, há um abismo não só financeiro, mas também na organização quando comparamos o esporte nesses continentes, o que torna simples a decisão de jovens atletas africanos, quando tem a oportunidade, de migrar para a Europa ainda que para atuar em divisões inferiores de países que não necessariamente fazem parte da elite futebolística europeia.

De acordo com estudo de 2006 realizado pelo Sindicato Mundial de Jogadores (Fifpro), reunindo 54 sindicatos nacionais, apenas 2% dos atletas assalariados do futebol recebem a partir de 720 mil dólares, considerado pela instituição o valor que define a elite da categoria. O marfinense Yaya Touré, que jogava pelo inglês Manchester City, faturava cerca de 1 milhão por mês; Neymar, atualmente jogador do Paris Saint Germain, 3 milhões.²

Por outro lado, 21% não alcançam a soma de 300 dólares mensais. A maior parte deles trabalha nos precários campos da África, onde como já dito, é o continente mais

² Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-miseria-do-futebol-africano/>. Acesso em: 25/05/2019.

precarizado nesse sentido e a porcentagem de atletas que sequer possuem um contrato chega a 15%, proporção que na Europa fica em 3%.

Uma matéria do jornal *Le Monde Diplomatique* (2018)³ traz a realidade de Aristide B., jogador marfinense que luta pela sua carreira no futebol e assinou seu primeiro contrato aos 17 anos, recebendo 76 euros, valor inferior ao salário mínimo do país, que chega a 91,50 euros. Bichos, premiação comum no mundo do futebol após vitórias e títulos importantes, Aristide jamais recebeu.

A diferença não existe apenas nos salários. Os clubes funcionam graças às receitas de patrocinadores, cotas de transmissão de canais de televisão, entre outras fontes. Na Costa do Marfim, o Canal+ paga cerca de 2,3 milhões à Federação Marfinense para transmitir o campeonato nacional da primeira divisão.

A título de comparação, a Rede Globo pagou para Corinthians e Flamengo, clubes de maior torcida no Brasil, a quantia de 170 milhões de reais pelo direito de transmissão dos jogos no ano de 2018. Clubes de menor expressão da primeira divisão, como Paraná, América-MG e Ceará, ficaram com 28 milhões. O Canal+ pagará 1,153 bilhões de euros para a Liga Profissional Francesa por temporada, a partir de 2020. A dupla espanhola Barcelona e Real Madrid, que se revezam na hegemonia do futebol do país, faturou cerca de 286,3 milhões de euros, ou 1 bilhão e 122 milhões de reais.

A liga mais valiosa do planeta, a *Premier League*, também conhecida como Campeonato Inglês, se somados os valores de todos os elencos, chegamos à quantia aproximada de 1,81 bilhões de euros em 2018, 9 vezes o campeonato brasileiro, que chega a 3,5 bilhões de reais.

Sequeira (2013) cita um estudo de Todd Cleveland, que analisou a questão do racismo de jogadores que emigraram para Portugal, mas que chegou a outras conclusões, entre as quais sobre as razões da emigração.

A maioria desses jogadores admite ser “apolítico” e ter optado por emigrar (e permanecer) em Portugal de forma a evitar a instabilidade política e social existente no seu país de origem; isto porque a maior parte destes atletas emigrou numa altura em que as colônias já se encontravam na luta pela sua independência ou à procura da estabilidade governativa pós-colonialismo. Assim, Portugal apresentava-se como uma forte solução para escapar a um futuro de incerteza e conflito e para

³ Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-miseria-do-futebol-africano/>. Acesso em: 25/05/2019.

se estabelecer a nível familiar e social com melhores condições do que as que encontrariam se não abandonasse o seu país (SEQUEIRA, (2013) p. 8-9).

Mas como a emigração muitas vezes não surte o efeito esperado no que tange ao futebol, onde nem todos alcançam o sucesso e independência financeira, e voltar ao país de origem não está nos planos por estar propenso a voltar a viver sem grandes oportunidades de ascensão social, muitos deles preferem permanecer:

Além disso, alguns destes jogadores procuraram ainda trabalhar em prol da sua formação académica ou em clubes com algumas garantias de emprego, para poderem precaver o seu futuro após terminarem a carreira futebolística – para tal, procuravam, principalmente, ingressar nas fileiras da Associação Acadêmica de Coimbra ou da extinta CUF, já que lá conseguiam cumprir este seu objetivo pessoal devido à sua ligação às respectivas instituições de ensino superior ou fabris (nomeadamente, a Universidade de Coimbra e a Companhia União Fabril, no Barreiro (SEQUEIRA, (2013) p. 8-9).

Romelu Lukaku, atacante Belga de pais congoleses, que chegou ao status de estrela após muito sofrimento, deu a seguinte declaração: “Quando as coisas estavam caminhando bem, eu li as reportagens dos jornais e eles estavam me chamando de Romelu Lukaku, o atacante belga. Quando as coisas não estavam bem, eles me chamavam de Romelu Lukaku, o atacante belga de origem congolesa”.⁴

Certamente, hoje em dia o chamam de atacante belga. Lukaku, juntamente com seus companheiros de equipe também de origem congolesa Witzel, Tielemans e Batshuayi, foi decisivo para que a seleção belga alcançasse a melhor campanha de sua história em copas, a terceira colocação na Rússia após derrotar a Inglaterra por 2x0.

Em reportagem do Globo Esporte, o pai do jogador, Roger, Lukaku, o aconselhou a atuar pela seleção belga:

“Está fora de questão o Lukaku jogar pelo Congo. Eu já passei por isso (defender uma seleção africana) e sei bem o que é: passagens de avião e prêmios que nunca são pagos, sem contar com as ofensas que sofremos dos torcedores por estarmos fora do

⁴ Disponível em: <https://premierleaguebrasil.com.br/texto-lukaku-emocionante/>. Acesso em: 25/05/2019.

país, sermos expatriados. Eu vivi tudo isso nos anos 90 e não quero que o meu filho passe pelo mesmo”.⁵



Figura 4 - Meninos jogam bola na rua na Costa do Marfim. Fonte: Le Monde Diplomatique.

De acordo com Melo, as colônias, no sentido atual, ainda existem mas em um contexto diferente. Mesmo em tempos atuais, parece distante a libertação dos países antes colonizados.

“Uma vez colônia, (quase) sempre colônia”. Esta frase significa que para uma ex-colônia, que se tornou independente no século XX, a descolonização é um diálogo intermitente com o passado colonial. Isto é, um diálogo que sofreu uma interrupção apenas momentânea, mas que aparece na vida social em situações significativas (MELO, 2018, p. 180).

Fica nítido que persistem as amarras coloniais, as quais ao que parece, não deixarão de existir tão cedo, uma vez que estão enraizadas a ponto de refletir no futebol.

2.5 Territórios ultramarinos da França

O futebol é desenvolvido de forma bastante diversa nos territórios ultramarinos até hoje pertencentes à França. Alguns desses territórios têm sua própria seleção nacional. Guadalupe, Guiana, San Martin e Martinica, por exemplo, não são membros da FIFA, mas possuem federações e campeonatos locais, pertencentes à CONCACAF e Confederação do Caribe, ou seja, os clubes podem disputar os campeonatos organizados por essas federações. Guadalupe alcançou o 4º lugar na

⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/belgica/noticia/2014/07/de-vilao-heroi-belga-lukaku-o-poliglota-que-desafiou-mourinho.html>. Acesso em: 24/05/2019.

Copa Ouro de 2007 e foi vice campeã da Copa do Caribe em 2010. A Guiana Francesa chegou apenas à fase de grupos da Copa Ouro de 2017 e ficou em 3º lugar na Copa do Caribe do mesmo ano. A Martinica chegou às quartas de finais da Copa Ouro de 2002 e foi campeã da Copa do Caribe de 1993. Os melhores jogadores nascidos nesses territórios são levados ainda muito jovens para jogar na França, ou seja, esses desempenhos foram atingidos por jogadores locais e de pouco prestígio futebolístico.

As Ilhas Mayotte e Reunião são filiadas à CAF; a Nova Caledônia e Taiti, que representa a Polinésia Francesa, são membros da FIFA e da Confederação da Oceania. Ambas possuem seleções, mas não são independentes. A Nova Caledônia foi vice campeã da Copa das Nações da Oceania nas edições de 2008 e 2012 e o Taiti foi campeão em 2012, tendo direito de disputar a Copa das Confederações de 2013, realizada no Brasil, e foi a sensação do torneio, não pelo futebol apresentado mas pela simpatia, que conquistou a todos com uma seleção composta por quase a maioria de jogadores amadores.

Wallis e Futuna e Saint-Pierre e Miquelan não possuem filiação e disputam campeonatos amadores, como os jogos do Pacífico Sul. Na Champions League da Oceania, o Taiti possui dois vices, em 2006 e 2012, e a Nova Caledônia, um vice em 2005.

A França organizou a Copa Ultramarina de Futebol, que teve apenas três edições devido aos custos de viagens, tendo como campeões Reunião, em 2008 e 2012, e a Martinica em 2010. Os campeonatos nacionais dessas possessões funcionam como o equivalente à 6ª divisão do Campeonato Francês: os clubes jogam entre si para classificação à 5ª divisão da França continental, que também é regional. Há também a Copa das Antilhas, onde os campeões de cada território ganha uma vaga para disputar as fases preliminares Copa da França, onde estão presentes então desde clubes amadores do ultramar, até os gigantes.

Como já citado, os maiores talentos rumam à França para atuar nos maiores clubes e também na seleção. São os exemplos de Lilian Thuram, campeão da Copa de 1998 e Euro 2000, Marius Tresor (1950-), que atuou nas copas de 1978 e 1982, Pascal Chimbona, jogador da Copa de 2006 e Jocelyn Angloma, presente no elenco da Euro de 1996, todos nascidos em Guadalupe. Angloma, inclusive, chegou a jogar e atualmente é treinador da seleção de Guadalupe.

Da Nova Caledônia, veio apenas Karembeu, companheiro de Thuram nos títulos supracitados. Da Guiana Francesa, Paul Diagne já citado como o primeiro negro a vestir a camisa da seleção francesa, e Malouda, que atuou nas copas de 2006 e 2010 e que no final de sua carreira participou de um torneio caribenho pela sua nação de origem, ocasionando polêmica pois houveram tentativas de desclassificar a Guiana do torneio, já que Malouda já havia atuado pela França.

De Reunião veio Dimitri Payet, que participou da Euro 2016 e só não esteve presente na Copa da Rússia por estar lesionado. E finalmente da Martinica, Xercés Louis (1926-1978), que jogou a Copa de 1954 e Wendie Renard, uma das melhores jogadoras da França na atualidade, ficando entre as 15 concorrentes ao prêmio de melhor do mundo da FIFA.⁶



Figura 5 - Territórios ultramarinos da França. Disponível em: wdworld.blogspot.com

⁶ Para maiores informações: <https://xadrezverbal.com/2018/10/17/fronteiras-invisiveis-do-futebol-67-franca-ultramarina/>.

3. COPA DO MUNDO DA RÚSSIA 2018

A primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai, em 1930, contou com a participação de 13 países. Não houve eliminatórias e alguns países não participaram pela distância que só era superada após dias de navio. A partir de 1934, houve eliminatórias e o número de equipes passou para 16, na Itália, assim como quatro anos depois, na França. A próxima edição só aconteceu em 1950, no Brasil, devido à II Guerra Mundial. Na ocasião, somente 13 países participaram, após algumas desistências. Curiosamente, foi só nessa edição que a Inglaterra, grade difusora desse esporte, estreou na Copa do Mundo. Anteriormente, os ingleses se achavam superiores ao restante do mundo, não havendo necessidade em participar do torneio.

De 1954 a 1978, 16 seleções disputaram o mundial. Em 1982, na Espanha, esse número aumentou para 24, até que finalmente chegamos no atual modelo, composto por 32 equipes, em 1998. Quantidade que será mantida até 2022, no Catar, e há a discussão sobre um novo aumento, desta vez para 48 para a edição de 2026, a ser realizada pela primeira vez em três países: Canadá, EUA e México.

Em 2018 a Copa do Mundo foi realizada pela primeira vez na Rússia. 32 seleções participaram, sendo 14 da Europa, 8 da América, 5 da África, 4 da Ásia e 1 da Oceania, conforme a Tabela 1

Tabela 1 - Grupos da Copa do Mundo de 2018. A tabela mostra as seleções que disputaram o torneio , já com os classificados (os dois primeiros colocados de cada grupo). Fonte: site da Fifa ,organizado pelo autor.

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D	Grupo E	Grupo F	Grupo G	Grupo H
Uruguai	Espanha	França	Croácia	Brasil	Suécia	Bélgica	Colômbia
Rússia	Portugal	Dinamarca	Argentina	Suíça	México	Inglaterra	Japão
Arábia Saudita	Irã	Peru	Nigéria	Sérvia	Coréia do Sul	Tunísia	Senegal
Egito	Marrocos	Austrália	Islândia	Costa Rica	Alemanha	Panamá	Polônia

A competição foi realizada apenas na parte europeia do país, em 11 cidades: Moscou, com dois estádios, São Petersburgo, Ecaterinburgo, Samara, Rostov-on-Don,

Kaliningrado - curiosamente localizada fora do território da Rússia, entre Lituânia e Polônia - ,Saranski, Nizhny Novgorod, Sochi, Kazan e Volgogrado.

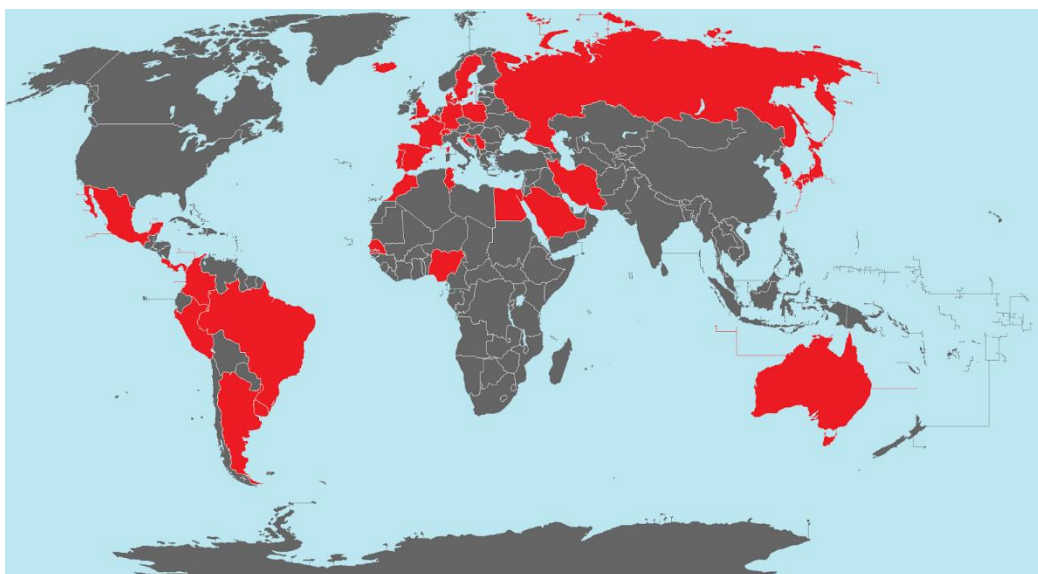


Figura 6 - Mapa mundi com os países classificados para a Copa de 2018. Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com>. Acesso em: 16/05/2019.

Uruguai, Portugal, França, Argentina, Brasil, México, Bélgica, Japão, Espanha, Rússia, Croácia, Dinamarca, Suécia, Suíça, Colômbia e Inglaterra avançaram para as oitavas de final. Se enfrentaram nas quartas de final Uruguai e França, Brasil e Bélgica, Rússia e Croácia e Suécia e Inglaterra. Nas semi finais, a França superou a Bélgica e a Croácia, pela primeira vez chegou à final após derrotar a Inglaterra. A França conquistou a sua segunda Copa do Mundo, após 20 anos, vencendo a Croácia pelo placar de 4x2.

O artilheiro da edição foi o inglês com descendência irlandesa Harry Kane, com 6 gols, seguido pelo francês de origem portuguesa Griezmann e seu compatriota de raízes argelina e camaronesa Mbappé, o belga filho de um ex-jogador congolês Lukaku, o português Cristiano Ronaldo e o russo Cheryshev, todos com 4.

A competição ficou marcada pela segunda maior presença de naturalizados, ficando atrás da edição de 2014, mas devem ser destacadas as ausências de Argélia e Holanda, que comumente são compostas por atletas com essas características. Das 32 seleções, 22 tinham ao menos um atleta naturalizado, com destaque para o Marrocos, com 17. Com relação aos descendentes, o destaque fica para as seleções europeias, com forte ligação colonial.

A título de comparação, na Copa de 1998, primeira edição com a atual configuração de 32 países participantes, eram 35 jogadores naturalizados em 16 seleções diferentes. Em 2002, primeira Copa realizada na Ásia e em dois países diferentes, tivemos 31 atletas em 13 equipes. Quatro anos depois, na Alemanha, o número saltou para 67 naturalizados, para 25 times. Em 2010, a primeira disputada na África, 26 equipes contaram com naturalizados, totalizando 75 jogadores (SILVA, et al). Em 2014, no Brasil, eram 85.

Já na última edição, 82 atletas defenderam 22 equipes diferentes (Tabela 2):

Tabela 2 - Jogadores nascidos em outros países que atuaram pelas respectivas seleções. Fonte:

<https://www.uol/copadomundo/especiais/copa-do-mundo-multicultural.htm#ate-no-brasil-perfil-da-selecao-fala-sobre-a-realidade-dos-paises>. Organizado pelo autor.

País	Número de jogadores naturalizados
Marrocos	17
Senegal e Tunísia	9
Suíça	8
Portugal	7
Sérvia	5
Croácia e Nigéria	4
Espanha	3
Austrália, França e Islândia	2
Argentina, Costa Rica, Dinamarca, Egito, Inglaterra, Irã, Japão, Polônia, Rússia e Uruguai	1
Total	82

A França foi o país que mais cedeu jogadores, isto é, a maior parte dos jogadores naturalizados que atuaram em outras seleções, nasceram na França (Tabela 3)

Tabela 3 - Jogadores nascidos nos respectivos países, que jogaram como naturalizados em outras seleções. Fonte: <https://www.uol/copadomundo/especiais/copa-do-mundo-multicultural.htm#ate-no-brasil-perfil-da-selecao-fala-sobre-a-realidade-dos-paises>. Organizado pelo autor.

País	Número de Jogadores que emigraram
França	29
Holanda	7
Brasil	5
Bósnia, Camarões e Espanha	4
Suíça	3
Cabo Verde, Alemanha, Kosovo e Suécia	2
Angola, Argentina, Áustria, Bélgica, Canadá, Croácia, Congo, Dinamarca, Inglaterra, Irá, Itália, Costa do Marfim, Jamaica, Macedônia, Nicarágua, Rússia, Uganda e EUA	1
Total	82

A seguir, a tabela 4 traz todos os 82 jogadores naturalizados que foram inscritos na competição.

Tabela 4: Todos os jogadores naturalizados que participaram da Copa do Mundo de 2018. Fonte: <https://www.netbet.com/br/multicultural-cup-2018/>. Organizado pelo autor.

Jogador	Seleção que defendeu	País de nascimento
Yassine Bounou	Marrocos	Canadá
Achraf Hakimi	Marrocos	Espanha
Mehdi Benatia	Marrocos	França
Manuel da Costa	Marrocos	França
Hackim Ziyech	Marrocos	Holanda
Amine Harit	Marrocos	França
Sofyan Arabat	Marrocos	Holanda
Younes Belhanda	Marrocos	França
Monir El Kajoul	Marrocos	Espanha

Aït Banhasser	Marrocos	França
Karim El Ahmad	Marrocos	Holanda
Mbark Boutaib	Marrocos	França
Mehai Carcela	Marrocos	Bélgica
Nordin Amrabat	Marrocos	Holanda
Fayçal Fajr	Marrocos	França
Mbark Boussoufa	Marrocos	Holanda
Romain Saiss	Marrocos	França
Abdoulaye Diallo	Senegal	Camarões
Youssef Sabaly	Senegal	Costa do Marfim
Salif Sané	Senegal	França
Lamine Gassama	Senegal	França
Kalidou Koulibaly	Senegal	França
M'Baye Niang	Senegal	França
Moussa Sow	Senegal	França
Keita Baldé	Senegal	Espanha
Alfred N'Diaye	Senegal	França
Syan Bem Youssef	Tunisia	França
Yohan Benalouane	Tunisia	França
Seif Eddine Khaoui	Tunisia	França
Anice Badri	Tunisia	França
Wahbi Kazri	Tunisia	França
Dylan Bronn	Tunisia	França
Elyes Skhiri	Tunisia	França
Moez Hassen	Tunisia	França
Naim Sliti	Tunisia	França
Yvon Muogo	Suiça	Camarões
Johan Djourou	Suiça	Costa do Marfim
François Moubandje	Suiça	Camarões
Gelson Fernandes	Suiça	Cabo Verde
Valon Behrami	Suiça	Kosovo
Blerim Dzemaili	Suiça	Macedônia
Xherdan Shaqiri	Suiça	Kosovo

Breel Embolo	Suiça	Camarões
Anthony Lopes	Portugal	França
Raphael Guerreiro	Portugal	França
Cédric Soares	Portugal	Alemanha
Pepe	Portugal	Brasil
Willian Carvalho	Portugal	Angola
Adrien Silva	Portugal	França
Gelson Martins	Portugal	Cabo Verde
Milos Veljkovic	Sérvia	Suiça
Milinkovic-Savic	Sérvia	Espanha
Aleksander Prijovic	Sérvia	Suiça
Luka Jovic	Sérvia	Bósnia
Milan Rodic	Sérvia	Bósnia
Brian Idowu	Nigéria	Rússia
Troost-Ekong	Nigéria	Holanda
Leon Balogun	Nigéria	Alemanha
Tyronne Eloueni	Nigéria	Holanda
Thiago Alcântara	Espanha	Itália
Diego Costa	Espanha	Brasil
Rodrigo	Espanha	Brasil
Steve Mandanda	França	Congo
Samuel Umtiti	França	Camarões
Maleo Kovacic	Croácia	Áustria
Ivan Rakitic	Croácia	Suiça
Dejan Lovren	Croácia	Bósnia
Vedran Corluka	Croácia	Bósnia
Frederik Schran	Islândia	Dinamarca
Kári Árnason	Islândia	Suécia
Fernando Muslera	Uruguai	Argentina
Milos Degenek	Austrália	Croácia
Daniel Arzani	Austrália	Irã
Óscar Duarte	Costa Rica	Nicarágua
Pione Sisto	Dinamarca	Uganda

Sam Morsy	Egito	Inglaterra
Saman Ghoddos	Irã	Suécia
Gotoku Sakai	Japão	EUA
Thiago Cionek	Polônia	Brasil
Mario Fernanes	Rússia	Brasil
Gonzalo Higuaín	Argentina	França
Raheen Sterling	Inglaterra	Jamaica

A tabela 5 mostra a evolução do número de atletas multiculturais, isto é, entre naturalizados e descendentes, de seis seleções europeias, nas últimas oito edições do torneio. Adaptado de FREITAS, 2017.

Seleção	1990	1994	1998	2002	2006	2010	2014	2018
Alemanha	0	1	0	3	5	11	7	7
Bélgica	0	1	4	3	Nd	Nd	12	12
França	Nd	Nd	14	15	17	15	17	21
Portugal	Nd	Nd	Nd	3	5	7	6	12
Inglaterra	4	Nd	5	10	8	8	9	10
Total	4	2	23	34	35	41	51	62

Há um movimento inverso quando se trata de fluxos migratórios em relação aos países participantes da Copa de 2018. A França, que recebeu muitos descendentes de suas colônias, foi também o país que mais forneceu nativos para atuar por outras seleções, justamente também suas ex-colônias, chegando a 29 jogadores. Senegal e Tunísia foram as seleções que mais os receberam, isso porque a Argélia não se classificou. Em 2014, esta contou com 18 atletas franceses. Isso pode ocorrer, em parte porque jogadores nascidos na Europa se identificam mais com o país de seus pais e avós que com o em que nasceram. Um desses casos é de Hakim Ziyech, nascido na Holanda mas disputou a Copa pela seleção marroquina. Após ser chamado de “garoto estúpido” pelo ídolo holandês Van Basten, Ziyech declarou: “Eu nasci aqui, mas minhas raízes estão lá, meu pai está enterrado lá e as pessoas gostam muito de mim lá. Aqui parece que sempre tentam encontrar algo negativo”. (Reportagem UOL)⁷

⁷ Disponível em: <https://www.uol/copadomundo/especiais/copa-do-mundo-multicultural.htm>. Acesso em: 25/05/2019.

De acordo com Ribeiro apud Silva et al, a naturalização “é um ato pelo qual uma pessoa voluntariamente adquire outra nacionalidade que não a sua originária”. Já a dupla nacionalidade é definida como “o status no qual o indivíduo é titular da nacionalidade de dois estados nacionais concomitantemente”. Os requisitos para se pleitear a naturalização variam de acordo com o país. (SILVA et al, 2012, p. 458)

A campeã França contou com apenas dois jogadores de origem africana naturalizados, mas 10 eram descendentes de ex-colônias. Para que uma pessoa possa se naturalizar francesa, o país exige a residência de no mínimo cinco anos, e a aprovação nos testes de conhecimento. (SILVA et al, 2012). Os dois atletas são Samuel Umtiti, nascido em Camarões, e Steve Mandanda, natural do Congo. Outros dois nasceram em territórios ultramarinos da França: Lemar, de Guadalupe, e Varane, da Martinica.

Outros onze tem descendência de outros países: Antoine Griezmann, de Portugal; Lucas Henández, da Espanha; Adil Rami, do Marrocos; Blaise Matuidi, Nabil Fékir e Kylian Mbappé da Argélia; Ousmane Dembélé, N’Golo Kanté e Djibril Sidibé do Mali; Benjamin Mendy, do Senegal; Paul Pogba, da Guiné-Bissau; Corentin Tolisso, do Togo; Kylian Mbappé, de Camarões; Presnel Kimpembé e Steven N’Zonzi, do Congo e Alphonse Aréola, das Filipinas. Mbappé aparece duas vezes por descender de pais com nacionalidades diferentes.

O melhor resultado da Bélgica em copas, a terceira colocação, também deve ao desempenho dos seus atletas multiculturais. Não haviam naturalizados na edição de 2018, mas sete descendentes: Adrian Zanužaj, da Sérvia e Kosovo; Yannick Carrasco, de Portugal e Martinica; Marouane Fellaini e Nacer Chadli, do Marrocos; Moussa Dembélé, do Mali; e Romelu Lukaku, Vincent Kompany, Youri Tielemans, Axel Witzel e Michy Batshuayi, do Congo.

A Inglaterra, outra seleção que chegou à semifinais do torneio, apresentou apenas um atleta naturalizado, Raheem Sterling, oriundo da Jamaica. Dentre outros descendentes também do país caribenho tivemos Kyle Walker, Ashley Young, Marcus Rashford e Danny Rose. Da Guiana, Ruben Loftus-Cheek e Fabian Delph. Danny Welbeck tem raízes marroquinas. O artilheiro da Copa, Harry Kane, possui descendência irlandesa.

Deixemos por último e não por acaso, um filho de um nigeriano e uma inglesa. Bamidele Jermaine Alli, mais conhecido como Dele Alli, é um dos maiores nomes da seleção inglesa e atua pelo Tottenham. Seu avô era rei da tribo lorubá, na Nigéria e seu lugar na linha de sucessão estava garantido. Porém, o atleta se envolveu em brigas com seu pai, um grande empresário, durante a infância, fazendo com que fosse morar com outra família. Sua mãe tinha problemas com alcoolismo, que segundo o próprio jogador, é resultado da relação com o seu pai. Até hoje ele ajuda financeiramente a mãe e mais três irmãos. Delle Alli poderia ser príncipe na Nigéria mas preferiu ser astro no futebol inglês⁸.

Já a Croácia, finalizando os quatro semifinalistas, tem quatro naturalizados: Lovren e Corluka são naturais do que hoje é a Bósnia. A fragmentação da Iugoslávia entre o final dos anos 1980 e início dos 1990 possibilitou que cidadãos “ganhassem” outra nacionalidade, e no caso de jogadores, passasse a defender clubes e seleções diferentes daquelas em que hoje se sabe que é o país de nascimento. Isso se repete também entre os atletas sérvios. Kovacic nasceu na Áustria e Rakitic é suíço, aliás, uma ligação corriqueira entre os atletas já que a Suíça serviu de destino para migração de famílias devido a conflitos nos Bálcãs, caso de Shaqiri, de origem kosovar.

Em relação aos treinadores, a Copa de 2018 teve apenas um negro. Das cinco seleções africanas, Aliou Cissé comandou a seleção senegalesa e é ex-jogador da mesma. Gernot Rohr alemão, foi o técnico da Nigéria. A equipe egípcia teve Hector Cuper, argentino. O francês Hervé Renard treinou Marrocos. E Nabil Maâlou, tunisiano, único árabe, foi o treinador da Tunísia.

3.1. Quando o racismo e a xenofobia chegam ao futebol: o caso da campeã da copa de 2018

Quando ondas migratórias “ameaçam” a identidade nacional de um país, grupos nacionalistas tendem a não tolerar as diferenças, o que se torna bastante perigoso. Esses grupos se sentem ameaçados e muitas vezes estão presentes nos meios de comunicação e na política, como é o caso de Jean Marie Le Pen, na França. Suas declarações inflam e legitimam atitudes xenófobas, racistas e de intolerância religiosa,

⁸ Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,dele-alli-poderia-ser-principe-na-nigeria-mas-trocou-a-coroa-pela-bola,70002396570>. Acesso em: 27/05/2019.

refletindo no futebol onde todos os anos temos muitos casos de perseguição, insultos e objetos como bananas atirados nos gramados sobretudo europeus.

Aliás, as duas conquistas francesas, em 1998 e 2018, se deram com seleções multiculturais. Mas só nas conquistas é que o entusiasmo da torcida, a sociedade, políticos e a própria FFF apareceu. Com o fracasso nas copas de 2002 e 2010, ataques ao elenco por parte da torcida e críticas de políticos ganharam destaque. A sede da FFF sofreu invasão de torcedores racistas (Figura 7), com slogans preconceituosos e pedindo uma seleção francesa “branca, cristã sem *bougnoules*, muçulmanos e negros”, e ainda dizendo que “aqui é Paris, não é a Argélia” (OLIVA, 2015).

A seguir, a matéria de jornal e imagem de publicidade refletem a reação de parte da sociedade francesa sobre o desempenho/composição étnica da seleção nacional nas copas de 2010 e 2018.



Figura 7 – Ataque à sede da Federação Francesa. A manchete diz: “Incidentes racistas na sede da FFF: Trinta pessoas invadiram as instalações da federação na noite de sexta feira, marcaram a fachada e gritaram slogans racistas”. Disponível em: https://www.lemonde.fr/sport/article/2010/06/29/incidents-racistes-au-siege-de-la-fff_1380370_3242.html#. Acesso em: 13/05/2019.

Marine Le Pen, líder do partido de extrema direita Frente Nacional, que classificou os jogadores da seleção francesa de “rebeldes mal educados e sem orgulho nacional”, entre outras críticas claramente racistas quando a França quase ficou de fora da Copa de 2014, comemorou em seu Twitter a classificação da mesma para a final em Moscou, com gol do camaronês Samuel Umtiti.



Figura 8 –Comemoração de Le Pen pelo Twitter. "Bravo França! À domingo!" Líder da Frente Nacional, partido de extrema direita da França deixa clara a diferença de tratamento da seleção multicultural nas más e boas fases. Nos comentários, os usuários se dividem questionando a “pureza” francesa na seleção e a sua contradição, agora, comemorando o sucesso do grupo que tanto já criticou. Disponível em: https://twitter.com/mlp_officiel/status/1016776226214699008. Acesso em: 13/05/2019.



Figura 9 – Mbappé é idolatrado na França. Em português, "98 foi um grande ano para o futebol francês. Nasceu Kyllian". O cartaz, que faz alusão ao também grande ano de 1998, quando a França sagrou-se campeã do mundo pela primeira vez, foi elaborado pela Nike em parceria paga com o seu clube PSG, e amplamente ostentado na França após a conquista da Copa da Rússia. Disponível em: <https://www.facebook.com/PSG/photos/98-was-a-great-year-for-french-football98-a-%C3%A9t%C3%A9-une-grande-ann%C3%A9e-pour-le-football/10157679927663298/>. Acesso em: 13/05/2019.

Jean Marie Le Pen, um dos líderes da extrema direita francesa e pai de Marine, deu declarações como “a diversidade racial da equipe não era um retrato fiel do povo francês e que muitos nem sabiam cantar o hino nacional” (RIBEIRO, 2007, p. 81 apud SILVA et al). O zagueiro campeão de 1998, Lilian Thuram, rebateu dizendo: “não vejo brancos, negros, raças ou credos, vejo franceses representando nosso país da melhor forma possível. Viva a França! Viva a França de todos, sem discriminação, a França verdadeira” (JORNAL O GLOBO apud RIBEIRO, 2007, p. 81 apud SILVA et al). O francês Karim Benzema, filho de argelinos e muçulmano, não canta o hino francês conhecido como a “Marselhesa”. O trecho a seguir certamente explica sua justa decisão, e que assim como Ziyech e Lukaku vivem conflito de identidade: “Às armas, cidadãos/ formais vossos batalhões/ marchemos, marchemos!/ Que um sangue impuro/ banhe nosso solo”.

A FFF, por sua vez, fez uma reunião que repercutiu amplamente, por se tratar de uma política que limitaria a presença de atletas multiculturais, chegando inclusive a reprimir

a livre manifestação religiosa nas categorias de base, deixando de servir a carne halal nas refeições e revistando mochilas para a apreensão de tapetes de orações (OLIVA, 2015).

Jimmy Durmaz, integrante da equipe sueca, foi o primeiro a ser criticado após a derrota diante da Alemanha ainda na primeira fase. Durmaz tem descendência turca. Como acontece com diversos atletas multiculturais nas derrotas, a primeira característica a ser lembrada, como se fosse um defeito, é a descendência do atleta.

Fica claro que a “pureza” étnica sobretudo na Europa é o primeiro aspecto que é levado em conta quando se trata de não apenas jogadores, que compõem a elite financeira, mas qualquer cidadão estrangeiro que ousa viver nesses países. Porém esses jogadores representam toda uma nação principalmente em uma Copa do Mundo, é o país em campo, sob o olhar de espectadores do mundo todo. E o país perde sua identidade, e de acordo com extremistas como a família Le Pen, deixa de ser o país.

O volante N’Golo Kanté, filho de imigrantes do Mali, teve muito trabalho durante a Copa de 1998. Aos sete anos de idade, pobre, caminhou por toda Paris, que deixou muito lixo pelas ruas com a festa do título. Kanté coletava esse lixo para a reciclagem e ajudar sua família. Vinte anos depois, dentro de campo, foi considerado um dos melhores volantes da competição e mesmo sem o brilho de Mbappé ou Griezmann, é um dos pilares da seleção. O exemplo de Kanté evidencia a necessidade de acolhimento dos imigrantes.

4. FUTEBOL E GEOPOLÍTICA

A geopolítica é outra questão que merece destaque. Ao longo da história o futebol foi influenciado, influência, e/ou motivo de diversos conflitos. Podemos aqui destacar a questão dos conflitos dos Bálcãs, que recebeu e recebe até hoje forte influência do futebol por meio das pluralidades étnicas ali presentes. Na partida entre Sérvia e Suíça, pela terceira rodada da primeira fase, os atletas Xhaka e Shaqiri, atuando pela Suíça e com raízes kosovares, comemoraram gols com gestos análogos ao símbolo da bandeira da Albânia (Figura 10) em alusão à também antiga república iugoslava e origem da maioria dos kosovares.



Figura 10 - Jogadores comemoram os gols da vitória da Suíça em cima da Sérvia. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/suica/noticia/xhaka-e-shaqiri-fazem-comemoracao-em-referencia-a-sua-origem-kosovar.ghtml>. Acesso em: 29/05/2019.

Nação e nacionalismo são expressos no futebol e sobretudo em competições entre seleções, como salienta Canettieri:

O futebol é, então, uma forma de representação da nação, no qual é comum a disputa de seleções mundiais serem acompanhadas de grande nacionalismo. Mais do que onze figuras em campo, os jogadores são considerados cidadãos representantes de um país, dos anseios e desejos nacionais, dos medos e desconfianças em relação aos outros países. (CANETTIERI, 2010, p. 118).

Podemos aqui também citar muitos outros exemplos, como a partida vencida pela seleção da Áustria contra a Alemanha nazista, ainda que comprada pelos alemães, o confronto entre El Salvador e Honduras pelas eliminatórias da Copa de 1970, que culminou em guerra, as copas de 1970 e 1978, ambas fortemente influenciadas e

usadas como propaganda pelas ditaduras da Argentina e Brasil, respectivamente, a partida entre Argentina e Inglaterra na copa de 1986, pouco depois do conflito envolvendo esses mesmos países pelas Ilhas Malvinas, as rivalidades étnicas, geopolíticas e religiosas entre os sérvios Estrela Vermelha e Partizan e os escoceses Celtic e Rangers, entre tantos outros casos envolvendo futebol e geopolítica.

Giulianotti sintetiza:

[...] sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos (GIULIANOTTI, 2002, p.08).

Não cabe aqui citar todas as ligações entre geopolítica e futebol, mas citar o caso dos Balcãs, como já dito. Até porque, foi uma questão discutida nos meios de comunicação após a partida entre Suíça e Sérvia, o que despertou o fato de não se tratar apenas de um mero esporte, limitado às quatro linhas.

A formação de identidades é uma questão que deriva da supracitada. Seja nacional ou até mesmo a identidade local de uma torcida com um clube, pois se trata da forte ligação e representatividade que é exercida por atletas, que por sua vez representam um país ou clube. Essa troca de identidades pode resultar em nacionalismo, xenofobia e até desencadear conflitos, como alguns citados, e analisa-la é também um objetivo a ser alcançado com este trabalho.

Não há como falar de futebol e geopolítica sem citar a FIFA. Ela pode ser considerada uma organização geopolítica, uma vez que reconhece mais países do que a própria ONU. Atualmente, existem 193 países filiados à ONU, enquanto que à FIFA, são 209. O COI, por sua vez, reconhece 202. Isso ocorre pelos interesses da organização em conquistar novos filiados afim de popularizar o futebol – e a FIFA – por todo o mundo.

Mas há também as nações sem nenhum reconhecimento, nações que lutam pela sua independência, mantêm laços em comum e muitas vezes tem apenas o futebol para poder afirmar sua identidade, sendo representada por um time. É o caso das equipes que participam da Copa do Mundo da CONIFA, uma espécie de federação que organiza um torneio com essas nações.

De acordo com Guimarães:

Nação, em seu sentido político moderno, é uma comunidade de indivíduos vinculados social e economicamente, que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado em comum, ainda que diverjam sobre aspectos desse passado; que têm uma visão de futuro em comum; e que acreditam, ainda que alguns aspirem modificar a organização social da nação e seu sistema político, o Estado (GUIMARÃES, 2008, P. 145).

A primeira edição da Copa da CONIFA⁹ foi em 2014, e teve sede na Lapônia, substituindo a Copa VIVA, que teve início em 2006. Na ocasião, o Condado de Nice foi o campeão derrotando a Ilha de Man. Em 2016, na Abecásia, o time da casa ficou com o título em cima de Panjabe. No ano passado, em Londres, A seleção da Transparcátia foi a campeã após vencer o Chipre do Norte.

Outras nações não reconhecidas de destaque que participam do torneio são Curdistão, Mônaco, Padânia, Somalilândia, que receberá a edição de 2020, entre outras.

4.1 Ações de clubes para refugiados

A partir de meados de 2013, a Europa passou a receber refugiados de países como Síria, Iraque, Albânia e Kosovo, fenômeno resultante de conflitos como guerras civis, entre outros. Esses imigrantes chegavam ao velho continente via mar mediterrâneo, a bordo de embarcações precárias e muitas vezes não chegavam ao seu destino, caso do pequeno Aylan Kurdi, cuja imagem, já sem vida numa praia da Turquia, repercutiu o mundo todo.

O principal destino era a Alemanha, país mais rico da Europa, e que no início dessa crise migratória, fez esforços para recebê-los. A Alemanha, que possui uma seleção de futebol multicultural, se desvincilhava de seu passado sombrio no que tange à multiculturalidade principalmente quando sediava a Copa do Mundo de 2006 e o planeta voltou os olhos ao país.

Por outro lado, a extrema direita alemã, representada pelo partido Alternativa para a Alemanha (AfD) ganhou força a partir de 2017 e voltou a frequentar a política alemã após tanto tempo. Além disso, problemas causados pelo grande número de

⁹ Para maiores informações: <http://www.conifa.org/en/>

refugiados, corroboraram com o discurso dessa parcela da população, que vem crescendo, a ponto de ocorrer um controle mais rígido quanto ao acesso ao país.

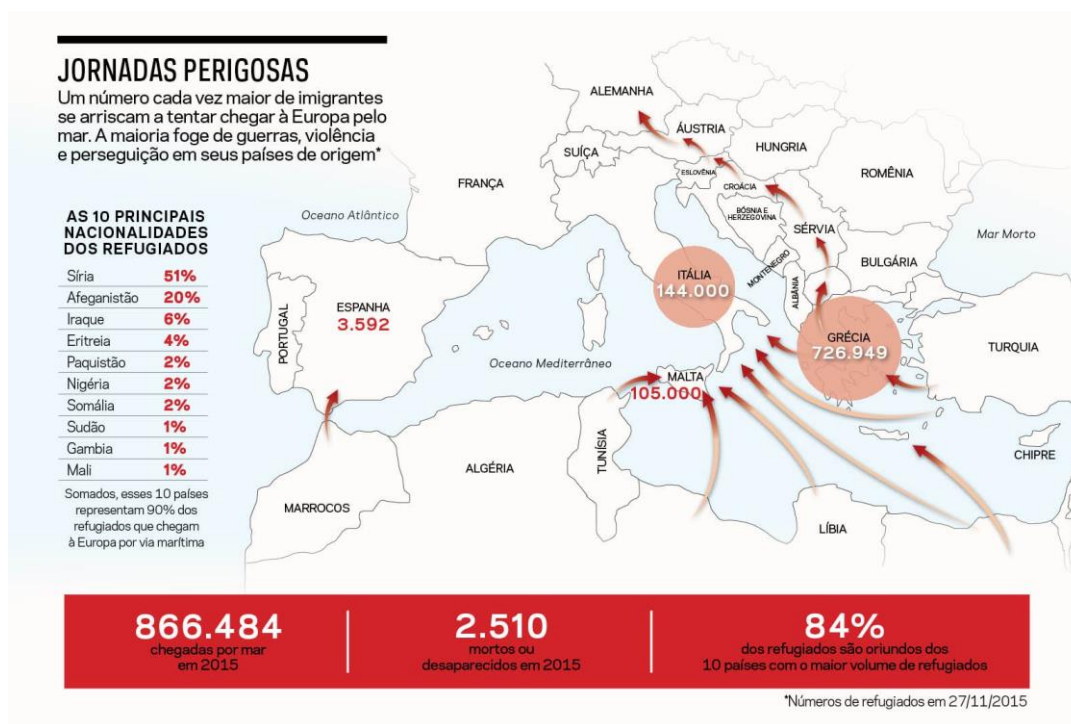


Figura 11- Rotas de refugiados em direção à Europa. Disponível em: cartaeducação.com.br acesso em: 15/05/2019.

Algumas ações de clubes, sobretudo da Alemanha, merecem destaque na luta contra a xenofobia, racismo e demais consequências. A partir de 2015, com a intensificação da crise migratória, quando milhares de refugiados arriscavam a vida para chegar ao velho continente, o slogan *Refugees Welcome* (em português, refugiados são bem vindos), foi visto em faixas das torcidas do St Pauli, Bayern de Munique, Borussia Dortmund, Werder Bremen, entre outros (TRIGO & FREITAS, 2017 P. 6).

Mais do que estender faixas em jogos, alguns clubes promoveram ações mais concretas, como o St Pauli, notável clube que disputa a segunda divisão alemã e se identifica à esquerda, doou dinheiro para as vítimas de naufrágio e fez um amistoso contra o Borussia Dortmund cuja renda teve o mesmo destino. O Union Berlim, da primeira divisão, forneceu alojamento aos refugiados na sede de uma torcida organizada, e até mesmo o pequeno BSG Chemie, que disputa o equivalente à quarta divisão alemã, criou um projeto social para acolher crianças refugiadas por meio do futebol. (TRIGO & FREITAS, p. 8, 2017).

Desde 2011, o Borussia Dortmund tem promovido visitas aos seus torcedores, à campos de concentração como Auschwitz, Treblinka e Dachau, para onde foram levados muitos judeus de Dortmund durante o nazismo. O clube também anunciou que doará US \$ 1,1 milhão para o Yad Vashem, Memorial do Holocausto em Jerusalém.

Além desses clubes, vale destacar as ações da Liga Alemã de Futebol, a União das Federações Europeias de Futebol e da Federação Alemã de Futebol, esta última com a campanha *“1-0 Für Ein Willkommen”* (em português 1-0 para as boas vindas), contribuindo financeiramente com os imigrantes.

Ações particulares devem ser destacadas, como a do jogador alemão Mesut Özil, neto de imigrantes turcos, que participou das campanhas supracitadas e visitou um campo de refugiados na Jordânia, assim como o também descendente de imigrantes, da Nigéria e Filipinas, David Alaba, que doou sapatos. O treinador Joachim Löw doou parte de uma premiação.

A onda de solidariedade com os refugiados na Alemanha e em outros países europeus mostrou o poder do futebol e como ele pode ser um poderoso instrumento de atuação em casos sociais. Para Hobsbawn o futebol é uma das principais atividades públicas, senão o principal, capaz de combinar três elementos essenciais do mundo atual: a globalização, a identidade nacional e a xenofobia. (TRIGO & FREITAS apud HOBBSAWN, 2007).



Figura 12 – Refugees Welcome. Ação dos clubes alemães St. Pauli e Borussia Dortmund para o acolhimento de refugiados, em um amistoso com o apoio da Bundesliga, em 2015, vencido pelo Borussia pelo placar de 2-1. Fonte: www.bundesliga.com. Acesso em: 17/05/2019.

Por outro lado, parte da torcida do Lech Poznan, da Polônia, levava aos estádios faixas com os dizeres “*refugees go home e refugees not welcome*” ou seja, “refugiados voltem para casa e refugiados não são bem vindos, e boicotaram uma partida que arrecadaria dinheiro para refugiados. Apesar de toda significativa mobilização em prol da causa, a xenofobia dificilmente deixará de estar presente nos estádios da Europa.

Outros clubes, como principalmente a Lazio, da Itália, são mais conhecidos pelo posicionamento à extrema direita de boa parte de sua torcida. Salvo raras exceções, como o Livorno, muitos clubes têm, ao menos, parte da torcida ligada a racismo, xenofobia e intolerância religiosa, entre outros preconceitos.

No domingo, 28 de abril de 1996, para protestar contra a iminente contratação do atleta holandês Maickel Ferrier, torcedores do Verona mantiveram na curva Sul do estádio Bentegodi, durante a partida contra o Chievo, um boneco de pano, de cor preta, com uma corda amarrada ao pescoço que dois ultras encapuzados de branco seguravam, à maneira dos algozes da Ku Klux Klan. Vestido com o uniforme da equipe, o referido fantoche trazia na camisa a mensagem política escrita em inglês: “*Negro go away*”. A “macabra representação”, como denominara o Corriere della Sera, levada a cabo no setor do estádio onde se concentravam as torcidas do Verona, tanto a tradicional Brigate Gialloblú, fundada em 1971 e baseada no modelo inglês, isto é, coros e cantos sem o auxílio de instrumentos musicais (Roversi, 1992, p. 45), quanto as mais recentes, vinculadas à terceira fase do movimento ultra, como a Hooligans Teddy Boys, foi coroada de êxito à medida que a direção do clube acabou demovida do propósito de contratar aquele que seria o primeiro jogador negro da equipe (FLORENZANO, 2010, p. 159).



Figura 13 - Torcida do Hellas Verona. Disponível em: <http://www.thehardtackle.com/2014/hellas-verona-the-most-racist-fans-in-all-of-italy/>. Acesso em: 17/05/2019.

4.2 Copa dos Refugiados

No Brasil é realizada uma iniciativa em prol dos refugiados. A Copa dos Refugiados¹⁰ é uma iniciativa da ONG África do Coração, com apoio da Agência da ONU para refugiados, que visa integrar socialmente os migrantes e refugiados que vivem no Brasil. A primeira edição aconteceu em 2014, e teve o Haiti como campeão, após derrotar a República Democrática do Congo por 2 a 0. Em 2018, aconteceram edições no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, além de reunir os classificados em cada edição na grande final no estádio do Pacaembu, com a seleção Malaika (Figura 14), formada por atletas africanos sub-20 de oito países como Síria, Nigéria, Angola, Togo, Guiné Bissau e República Democrática do Congo, derrotando Angola nos pênaltis. O torneio é anual e já está confirmada a sua realização para este ano.

¹⁰ Para maiores informações: <http://copadosrefugiados.com/>



Figura 14 - Seleção Malaika, campeã da Copa dos Refugiados em 2018. Fonte: <http://copadosrefugiados.com/>.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário futebolístico que este trabalho buscou analisar, é sim, uma consequência do colonialismo, porém, indiretamente. Essa consequência está diretamente ligada à formação da população desses países, cada vez mais multiculturais devido aos fluxos migratórios e o futebol é reflexo dessa realidade.

A introdução do futebol nas colônias sobretudo portuguesas, e suas consequências é que teve sim uma relação direta, muito próxima à relação colonial entre os países africanos e europeus, o que apenas com a independência nos anos 60 e 70 é que foi amenizada. Porém, as amarras não deixaram de existir, uma vez que a ligação entre ex-colônia e ex-colonizado ainda perdura até os dias de hoje, assim como na economia, sendo uma extensão do território.

Outra reflexão é baseada no fluxo inverso, como por exemplo os atletas franceses que optam por defender Marrocos: estes nasceram no país europeu mas carregam a identidade de seus descendentes. Não se sentem franceses, ou se sentem mais marroquinos do que franceses por ter raízes no país africano, e por esta razão resolvem defendê-lo na Copa. Outra hipótese, é a de que é muito menos competitiva uma vaga na seleção marroquina para jogar a Copa do que uma pela seleção francesa.

Nos últimos anos estamos assistindo a um deslocamento da emigração de jogadores brasileiros para países sem nenhum vínculo cultural como China e outros do oriente médio. Quanto à China, é devido à evolução dos investimentos e a necessidade de visibilidade que o futebol do país vêm passando.

A razão dessas transferências tem ligação direta com o salário pago aos atletas. O atacante Oscar, por exemplo, atua pelo Shangai SIPG e fatura cerca de 8,2 milhões de reais por mês, valor que não recebia nem no Chelsea, um dos grandes clubes do futebol inglês. Em 2018, haviam 20 brasileiros jogando a liga chinesa. Só em 2017, de acordo com a CBF, 1.630 jogadores se transferiram para o exterior.

O futebol permite muitas outras abordagens dentro das ciências humanas e nos permite fazer reflexões diversas acerca de temas jamais antes à ele vinculadas. A mescla de jogadores de diferentes nacionalidades contribui para um futebol mais

vistoso e sem dúvida é uma realidade que não deixará que crescer tão cedo. Por outro lado, devemos pensar na dependência econômica dos países mais pobres que chega ao futebol, perde suas riquezas e frequentemente também seus talentos futebolísticos. E em todos os desdobramentos desse fenômeno cabe a discussão, sempre extrapolando os muros dos estádios, chegando à sociedade em geral.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, F. R. G. **Futebol e Geografia: Possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação do futebol**. Anais do 1º Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e representações. UFPR, 2006.

CANETTIERI, T. **A importância do futebol como instrumento da geopolítica internacional**. Revista de Geopolítica, Ponta Grossa – PR, v. 1, nº 2, p. 116 – 128, jun/dez. 2010.

DARBY, P. **Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial**. Lisboa, Análise Social, vol. XLI, 2006.

DOMINGOS, N. **Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano**. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

ESTADÃO. Delle Alli poderia ser príncipe na Nigéria, mas trocou a coroa pela bola. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,dele-alli-poderia-ser-principe-na-nigeria-mas-trocou-a-coroa-pela-bola,70002396570>

ESTADO DE S. PAULO. Franceses são maioria entre ‘estrangeiros’ da Copa; veja ranking completo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/franceses-sao-maioria-entre-estrangeiros-da-copa-veja-ranking-completo.shtml>

ESPN. TV distribuiu quase R\$ 5 bilhões na Espanha, e Barcelona ganhou mais que Real; veja divisão. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo?id=3842153&slug=tv-distribuiu-quase-r-5-bilhoes-na-espanha-e-barcelona-ganhou-mais-que-real-veja-divisao>

FLORENZANO, J. P. **A babel do futebol: Atletas interculturais e torcedores ultras**. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul./dez. 2010.

FREITAS, G. S. P de. **As seleções de futebol multiculturais da União Européia**. Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre? L&PM, 2018. 256. : il.; 18 cm. (Coleção L&PM POCKET, v. 383).

GLOBO ESPORTE. Xhaka e Shaqiri homenageiam Kosovo e Albânia em comemoração dos gols suíços. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/suica/noticia/xhaka-e-shaqiri-fazem-comemoracao-em-referencia-a-sua-origem-kosovar.ghtml>

_____. De vilão a herói belga: Lukaku, o poliglota que desafiou Mourinho. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/belgica/noticia/2014/07/de-vilao-heroi-belga-lukaku-o-poliglota-que-desafiou-mourinho.html>

GUIMARÃES, S. P. **Nação, nacionalismo e estado**. Estudos avançados, 2008.

LANCE! Elencos, cotas de TV, lucros: as razões da *Premier League* ser referência. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/por-dentro-dos-valores-campeonato-mais-valioso-mundo.html>

LE MONDE DIPLOMATIQUE. A miséria do futebol africano. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-miseria-do-futebol-africano/>

_____. Incidents racistes au siège de la FFF. https://www.lemonde.fr/sport/article/2010/06/29/incidents-racistes-au-siege-de-la-fff_1380370_3242.html#

MELO, L. M. S. **As disputas coloniais e neocoloniais em torno do futebol: Portugal e França, dois casos significativos**. Revista de Ciências Sociais, nº 48, 2018.

NARCIZO, M. C. **Dos campos de futebol para os campos de batalha: uma análise da Guerra dos Bálcãs**. FuLiA / UFMG, v. 2, n. 2, maio.-ago., 2017.

NETBET. Copa do Mundo Multicultural 2018. Disponível em: <https://www.netbet.com/br/multicultural-cup-2018/#!/country/eng>

ORTEGA, M. M. **A Europa face aos novos fluxos migratórios**. Colóquio Globalização, Pobreza e Migrações. Faculdade de Economia. Universidade de Coimbra, 2007.

OLIVA, A. R. **Identidades em campo. Discursos sobre a atuação de jogadores interculturais de origem africana e antilhana na seleção francesa de futebol**. Universidade de Brasília, 2015.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SEQUEIRA, J. N. R. G. **Futebol – O caminho de África até à Europa**. E-REI: Revista de Estudos Interculturais do CEI. Porto, Portugal, 2013.

SILVA, D. V da; RIGO, L. C; FREITAS, G da S. **Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol**. Maringá: Revista de Educação Física da UEM, 2012.

TRIGO, L. G. G; FREITAS, G. S. P de. **O futebol como instrumento político na crise migratória na Alemanha e na Europa**. Revista de História e Estudos Culturais, 2017.

UOL. A nova cara da Copa. Disponível em: <https://www.uol/copadomundo/especiais/copa-do-mundo-multicultural.htm#a-nova-cara-da-copa>

